

**A CRÔNICA DE “ZÉ BACURI - O IMPLACÁVEL” – DO DIA
23 DE JUNHO DE 2004 – UMA ANÁLISE DOS AVALIADORES
ADJETIVAIIS E SUA FUNÇÃO ARGUMENTATIVA/PERSUASIVA
SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DO DISCURSO**

**THE CHRONICLE OF “ZÉ BACURI - THE IMPLACABLE” – OF
JUNE 23, 2004 – AN ANALYSIS OF ADJECTIVE EVALUATORS
AND THEIR ARGUMENTATIVE/PERSUASIVE FUNCTION FROM
THE PERSPECTIVE OF DISCOURSE ANALYSIS**

Rosângela Antonini¹
Maria Domingas de Souza²

Recebimento do Texto: 18/01/2022

Data de Aceite: 16/02/2023

RESUMO: O presente artigo propõe-se a analisar, na crônica de “Zé Bacuri – o Implacável” – do dia 23 de junho de 2004, alguns dos avaliadores axiológicos adjetivais e sua função argumentativa/persuasiva, sob a ótica da Análise do Discurso (AD) de linha francesa que tem como principal representante Michel Pêcheux e, no Brasil, Eni Orlandi. Conceitos de valor utilizados por Dominique Maingueneau e Miguel Reale também serão utilizados.

PALAVRAS-CHAVE: Valor. Discurso. Ideológico. Sujeito. Assujeitamento.

ABSTRACT: This article proposes to analyze, in the chronicle of “Zé Bacuri – o Implacável” – of June 23, 2004, some of the axiological adjectival evaluators and their argumentative/persuasive function, from the perspective of Discourse Analysis (AD) French line, whose main representative is Michel Pêcheux and, in Brazil, Eni Orlandi. Value concepts used by Dominique Maingueneau and Miguel Reale will also be used.

KEYWORDS: Value. Discourse. Ideological. Subject. Subjection.

1 Pós-Graduação “Lato Sensu” em Educação pelo Instituto Panamericano de Educação Assessoria e Consultoria Ltda. Mestranda em Linguística (qualificada) pela Universidade do Estado de Mato Grosso / UNEMAT – Contato: rosangela_antonini@hotmail.com

2 Mestra em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT. Doutoranda em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso / UNEMAT – Contato: maria.domingas@unemat.br

O objeto de análise deste artigo é a crônica do *Zé Bacuri*, pseudônimo adotado por Luizmar Faquini, jornalista e radialista da cidade de Cáceres-MT. Faquini, como é mais conhecido aqui nestas paragens, todavia é um nome desconhecido do cenário nacional, pois é um jornalista (fez Jornalismo pelo antigo projeto Rondon) que escrevia para um pequeno jornal de uma pequena cidade. Corre nas veias desse jornalista o sangue da criatividade e da imaginação. Sua história de vida é cheia de nuances e aventuras como a maioria das histórias dos grandes vultos da nossa literatura. Faquini participou na época de colégio, em Brasília, de movimento estudantil contra a repressão, ameaçado, saiu de lá e veio para Mato Grosso. Em Cáceres, começou a escrever para o Jornal Correio Cacerense, porém como tinha, segundo ele próprio, “uma linha satírica mais ou menos pesada” começou a ser novamente perseguido pelo exército, chegando a ser e a ficar preso inúmeras vezes. Ameaçado de (caso continuasse a escrever contra o regime vigente) ser enviado para uma prisão em São Paulo, decidiu adotar um pseudônimo. Pensou, observou e verificou que nesta região do pantanal havia muitos bacuris, um tipo de palmeira, que para ele é uma meia mistura de bacuri com bacurim (criança); achou-se, de certa forma parecido, pois é um homem “baixinho”, “encrencado”; e o Zé porque é um nome popular, uma figura do povo. Estava criado, assim, a personagem *Zé Bacuri* e passou a assinar desse modo as suas crônicas. Possui um grande acervo desse tipo de narrativa (a crônica) em que busca inspiração na vida cotidiana, nas coisas simples do dia-a-dia. As suas obras, deliberadamente não têm título, pois ele parte do seguinte princípio que às vezes, o leitor, se satisfaz só com o título, não procura a essência do texto, fazendo a chamada “leitura dinâmica”, por isso, deixa o título de lado para obrigar o leitor a se aprofundar no enredo. Em todas as crônicas aparecem, com destaque: ZÉ BACURI – O IMPLACÁVEL.

Dentre as inúmeras crônicas escritas por Luizmar Faquini, a escolhida para análise, foi publicada no dia 23 de junho de 2004. Vejamos:

“Todos que me conhecem por certo já perceberam o quanto sou um vivente de grosso trato, sem a polidez *típica e característica* daqueles que na infância e juventude tiveram chance de viver e/ou conviver no meio da granfinagem, esfregando bunda em banco de escola até furar os fundos das calças. Nunca fui dado à munhecagens e bichanices porque o *velho italiano* meu pai era uma *verdadeira casca de angico ressecada*. Fui criado com fartura de comida e

de serviço, mas numa *total* abstinência *de mordomias e regalias*. Roupa *passada* só em dias muito especiais, como casamento de alguém importante ou reza *de santo*. Desde das cinco da manhã era no batente até escurecer. Tocar violão na varanda ou ir à casa dos vizinhos (com intenção de ver as moças, claro) só depois de recolher lenha, pilar o arroz do dia seguinte, botar trato para as criações: porco, galinha etc. Isso lá pelas oito da noite. Todos os dias, inclusive domingos e feriados, era no *pau da goiaba*, sem direito a reclamar nem mesmo de uma dor de cabeça. Era gemer e entrar no cacete, que para o meu pai tudo era manha de cabra *preguiçoso*, querendo “cozinhar o galo no serviço”.

Naquele tempo, dentista era coisa de milionário (como até hoje o é), e na roça sujeito de dentição *fraca* ficava banguela antes de completar 20 anos. Como sofri com dor *de dente* sem poder reclamar. Meu irmão mais *velho* embirrinhou com um *maldito* molar *cariado* e quis *cantar de galo* dizendo que com aquela dor desgraçada não ia pro serviço nem arrastado pelos bagos. Meu pai rapidinho resolveu o impasse, fazendo a extração do tal com uma torquês de arrancar prego de cerca de arame farpado. Nunca mais meu irmão teve dor de dente, não que ele dissesse perto do meu pai, aquela anta *batizada*. Ele é que marcava a tarefa, e não o que a gente seria capaz de fazer, em condições normais. Mas ai de nós (filhos) se antes do sol entrar não tivesse passado a régua na incumbência. “*Não botei filho no mundo pra virar vadio... Quer ser vagabundo, some lá pra cidade*”, bradava, como se todo mundo da cidade fosse vagabundo. Até hoje tem gente na roça que pensa assim. Naquele tempo homem que usasse chinelo *de dedo*, ou não usasse cinturão *de couro* e chapéu, era considerado vagabundo. Camisa *de manga cavada*, a tal da regata, nem Deus houvesse de deixar meu pai ver um filho trajando uma. Era coisa de marginal. Bermuda, nem existia, coisa *de cafajeste*. Calça *colada* ao corpo, coisa *de veado*. Meu pai tinha bronco *infernado* também contra homem *bundudo*. “*Não boto fé em sujeito que parece andar com um travesseiro no lugar da bunda, geralmente é sem-vergonha*”. Tinha que ser afilado, mão *calejada*, pele *tostada* de sol, botina nos pés, chapéu na cabeça, camisa pra dentro das calças, cinto bem *apertado*, pouca conversa, pouco sorriso no rosto, que “*homem que vive se abrindo feito mala de mascate, não presta*”, dizia.

Lembro de uma vez que, já meio garotinho *desmamado*, dos meus 14 anos, vendi uma leitoa que ganhei do meu padrinho e comprei uma camisa meio *colorida*. Quando meu pai me viu com aquilo, me fez vestir uma combinação

(antiga camisola) da minha irmã mais *velha*. “*Mata sua vontade desgraçado de ser mulher filho da mãe!*”, sentenciou irado. Até hoje tenho trauma de camisa *colorida* e toda vez que vejo um homem trajando esse tipo de vestimenta do tipo *espalhafatosa*, lembro do meu *velho* pai e logo penso, será que essa tranca não é meio *pedra*, meio *tijolo*?

Na quebra de milho, na rança de feijão, na colheita do arroz, na bateção de pasta, arranca de toco, derrubada de mata para plantio, na lida *de gado*, na construção de cerca, na destoca da palhada, na moagem da cana pra fazer rapadura, na capina do cafezal, na guia da boiada de carro puxando colheita pra cidade, na rachação de madeira, na panha do algodão e do café, na tiração de leite a partir de *altas* horas de madrugada, na arranca da mandioca pra fazer sacos e sacos de farinha e numa infinidade de outros afazeres da roça (sítio) é que desde os meus cinco anos eu fui criado. Meu primeiro relógio comprei aos 17 anos. Logo comprei minha primeira bicicleta Monark (Jubileu de Ouro), sobre a qual passei a freqüentar a escola, à noite, a uma distância de 17 quilômetros de casa, junto com meu tio Jerônimo, de saudosa lembrança, que me deu forças para tirar meu curso Primário (bem feito) e passar no Curso de Admissão ao Ginásio (mais *forte* que certos superiores de hoje em dia).

Foi uma vida *dura*, sem mordomias, mas muito *feliz*. Trabalhei como um condenado, mas não morri nem perdi pedaços do corpo. Fui treinado no trabalho *pesado*. Nele forjei minha conduta e nele calquei minha personalidade. Aprendi a vencer obstáculos e a valorizar a vida no que ela tem de bom a me oferecer. Compreendi logo cedo que felicidade é um produto *que brota do trabalho*, da oportunidade construída com ardor e da perseverança. Além de tudo isso, descobri que tive um dos *melhores* pais do mundo, e que se não fosse pela sua dureza talvez hoje eu fosse um desses *frouxos* que se abalam e caem diante do primeiro embaraço na vida, que apelam para a desonestidade como meio de sobrevivência. Descobri que a vida realmente é dura para quem foi criado na moleza e não se curou no sol *da adversidade*_nem se temperou no calor da luta *digna* desde a infância.

Por isso, obrigado, meu pai, por ter construído em mim um homem, e não um verme *humano*.

Só tenho pena dessas gerações que, sob o império de uma certa lei vem sendo construídas sob a areia movediça da ociosidade, do caráter *frágil* e

da personalidade *amofinada* por força de um protecionismo que considero *irresponsável*, a pretexto de um zelo que por certo está a comprometer seriamente o futuro dessas mesmas gerações. Uma pena, porque depois de adulto, o cipó não torce, quebra. Por isso ainda prefiro o método do meu pai.”

(Jornal Correio Cacerense – 23 de junho de 2004 – p. 3)

OBSERVAÇÃO: No texto estão grifados (grifos nosso) alguns adjetivos e/ou locuções adjetivais, bem como, algumas orações subordinadas adjetivas, considerados relevantes à análise do texto.

Nessa crônica do Zé Bacuri – O Implacável, de 23 de junho de 2004, p. 03 do Jornal Correio Cacerense, quem conta a história, é um **eu** enunciativo, presente no texto, relembra a infância dura que viveu, sob o julgo de um pai severo que procurava criar os filhos dentro de uma educação tradicional onde a criança desde tenra idade tinha que ter seus deveres e obrigações, e se caso não cumprisse a “tarefa” determinada por seu progenitor era duramente castigado, como o próprio texto diz nos seguintes trechos: “*Fui criado com fartura de comida e de serviço*”. “*Era gemer e entrar no cacete, que para o meu pai tudo era manha de cabra preguiçoso, querendo “cozinhar o galo no serviço”*”; “[..]Mas ai de nós (filhos) se antes do sol entrar não tivesse passado a régua na incumbência”. Criado na roça e com uma carga de serviço muito grande, não lhe sobrava muito tempo para brincadeiras e diversões: “*...Desde das cinco da manhã era no batente até escurecer*”. “*Tocar violão na varanda ou ir à casa dos vizinhos (com intenção de ver as moças, claro) só depois de recolher lenha, pilar o arroz do dia seguinte, botar trato para as criações: porco, galinha etc. Isso lá pelas oito da noite. Todos os dias, inclusive domingos e feriados, era no pau da goiaba, sem direito a reclamar nem mesmo de uma dor de cabeça. Era gemer e entrar no cacete, que para o meu pai tudo era manha de cabra preguiçoso, querendo “cozinhar o galo no serviço”*”.

Por outro lado, começa direcionando a sua argumentação, dirigindo-se às pessoas que o conhecem, visando dessa forma dar mais veracidade, confiabilidade ao seu discurso. É o que FOUCAULT (2004) chama de “vontade de verdade”. “*Todos que me conhecem por certo já perceberam o quanto sou um vivente de grosso trato*”, e como bem coloca ABREU (2002), o locutor deve ganhar a confiança do

interlocutor. E, conseqüentemente, persuadir os demais leitores, pois gerencia a informação; falando a razão do outro, demonstrando, *provando* através do relato da sua vida, da forma como foi criado.

Os vários adjetivos aplicados ao texto como: vivente *de grosso trato*, sem a polidez *típica e característica*, fazem com que o leitor formem uma idéia do tipo de sujeito que é o narrador, ou seja, o de uma pessoa rústica sem o traquejo social exigido em certos ambientes urbanos, pois fora criado na roça. Tipo que se assemelha a uma grande maioria da população cacerense que lê o jornal, pois Cáceres é uma cidade interiorana de Mato Grosso que tem na agricultura e pecuária suas principais fontes de renda, e levando-se em conta de que o narrador, pelo contexto, demonstra ser um homem maduro, esse fato faz com que a sua argumentação ganhe força. PÊCHEUX & FUCHS (1975: 20-21), dizem que:

É a operação de seleção linguística que todo falante faz entre o que é dito e o que deixa de ser dito; em que, no interior da formação discursiva que o domina, elege algumas formas e sequências que se encontram em relação de paráfrase e “esquece”, oculta as outras. Essa operação dá ao sujeito a ilusão de que o discurso reflete o conhecimento objetivo que tem da realidade. Constitui o ponto de articulação da linguística com a teoria do discurso.

O “eu” discursivo soube, muito bem, selecionar os termos linguísticos que melhor se adequariam à sua fala, ou seja, ao seu discurso.

A linguagem utilizada é conotativa, figurada, polissêmica; vemos a presença de antíteses (foi uma vida “dura”, mas “feliz”), comparações (trabalhei como um condenado), metáforas (meu pai era uma verdadeira casca de angico ressecada) e outras. Porém, o estilo narrativo é simples, as palavras e expressões correspondem ao falar coloquial local, como: “*bunda*”; “*pau da goiaba*”; “*cozinhar o galo no serviço*”; “*cacete*”; “*cantar de galo*”; “*bagos*”; “*anta batizada*”; “*casca de angico ressecado*”; “*bateção*”, “*tiração*” e “*rachação*” – (todos substantivos derivados: rachação: rachar, tiração: tirar e bateção: bater – neologismos (palavras novas que são criadas) por sufixação (elemento colocado após o radical) muito utilizado na região de Cáceres – assunto não-pertinente a este artigo, porém presente neste *corpus* de análise) - que sugerem pela própria sonoridade ação, trabalho, suor tão presentes na vida do narrador.

O “eu” enunciativo, demonstra a sua memória discursiva, materializada e transformada em texto, ou seja, pela textualização é estabelecida a relação entre sujeito/discurso. E, nesses “trajetos dos dizeres” há um espaço de significação específico em que se percebe a importância da instância da circulação onde os dizeres são como se mostram. (Orlandi, 2005, p. 11). Zé Bacuri, hipoteticamente, quando escreve a crônica do dia 24 de junho de 2004 imaginava os efeitos de sentido que o seu texto produziria nas pessoas, pois conhecia bem o espaço de circulação (o Jornal Correio Cacerense) e o tipo de público que a sua obra atingiria.

O enunciador estabelece contrastes: 1º) entre a vida na roça e a vida na cidade e aos cidadãos urbanos e rurais: a vida na roça é dura; a vida na cidade é fácil; os moradores da roça são trabalhadores e os da cidade vagabundos (este modo de pensar, diz o narrador que é do pai, mas percebe-se que ele compartilha dessa mesma opinião relendo as primeiras linhas do texto: *“Todos que me conhecem por certo já perceberam o quanto sou um vivente de grosso trato, sem a polidez típica e característica daqueles que na infância e juventude tiveram chance de viver e/ou conviver no meio da granfinagem, esfregando bunda em banco de escola até furar os fundos das calças”*). 2º) Considera o ensino tradicional melhor que o ensino de hoje, o moderno, principalmente o superior (universitário): *“Logo comprei minha primeira bicicleta Monark (Jubileu de Ouro), sobre a qual passei a frequentar a escola, à noite, a uma distância de 17 quilômetros de casa, junto com meu tio Jerônimo, de saudosa lembrança, que me deu forças para tirar meu curso Primário (bem feito) e passar no Curso de Admissão ao Ginásio (mais forte que certos superiores de hoje em dia)”*.

Percebe-se no texto também o preconceito contra o homossexualismo: *Meu pai tinha bronco infernal também contra homem bundudo. “Não boto fé em sujeito que parece andar com um travesseiro no lugar da bunda, geralmente é sem-vergonha”. Tinha que ser afilado, mão calejada, pele tostada de sol, botina nos pés, chapéu na cabeça, camisa pra dentro das calças, cinto bem apertado, pouca conversa, pouco sorriso no rosto, que “homem que vive se abrindo feito mala de mascate, não presta”, dizia. [...] “Lembro de uma vez que, já meio garotinho desmamado, dos meus 14 anos, vendi uma leitoa que ganhei do meu padrinho e comprei uma camisa meio colorida. Quando meu pai me viu com aquilo, me fez vestir uma combinação (antiga camisola) da minha irmã mais velha. “Mata sua vontade desgraçado de ser mulher filho da mãe!”, sentenciou irado. Até hoje tenho trauma de camisa*

colorida e toda vez que vejo um homem trajando esse tipo de vestimenta do tipo espalhafatosa, lembro do meu velho pai e logo penso, será que essa tranca não é meio pedra, meio tijolo?” – Mais uma vez, essa mentalidade preconceituosa é do pai, mas no final desse trecho o narrador se entrega: “...será que essa tranca não é meio pedra, meio tijolo?” (a indefinição da masculinidade da pessoa: será mulher? (pedra – substantivo feminino) – será homem? (tijolo – substantivo masculino). É o inconsciente, tornando-se visível, pois como bem diz Pêcheux, ancorado em Lacan e Freud, *quando falamos nosso inconsciente é de certa forma censurado pelo consciente. Nos lapsos, nos atos falhos, nos sonhos o inconsciente consegue driblar o consciente e se manifesta.*

Mostra-se desfavorável ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990): *“Só tenho pena dessas gerações que, sob o império de uma certa lei vem sendo construídas sob a areia movediça da ociosidade, do caráter frágil e da personalidade amofinada por força de um protecionismo que considero irresponsável, a pretexto de um zelo que por certo está a comprometer seriamente o futuro dessas mesmas gerações”.*

Ele é um sujeito assujeitado, pois o seu discurso é carregado de outros discursos e

esse assujeitamento ideológico consiste em fazer com que cada indivíduo (sem que ele tome consciência disso, mas, ao contrário, tenha a impressão de que é senhor de sua própria vontade) seja levado a ocupar seu lugar em um dos grupos ou classes de uma determinada formação social. (BRANDÃO, 2004:46)

Esse mesmo sujeito, segundo PÊCHEUX & FUCHS (1975: 20-21), é afetado por dois tipos de esquecimento, o sujeito cria uma realidade discursiva ilusória:

pelo *esquecimento nº 1*, em que se coloca como a origem do que diz, a fonte exclusiva do sentido do seu discurso. De natureza inconsciente e ideológica. (...) Por esse esquecimento o sujeito rejeita, apaga, inconscientemente, qualquer elemento que remeta ao exterior da sua formação discursiva; por ele é que o sujeito “recusa” essa e não outra sequência para que obtenha esse e não outro sentido. Nesse processo de apagamento, o sujeito tem a ilusão de que ele é o

criador absoluto de seu discurso.

pelo *esquecimento* n° 2, que se caracterizaria por um funcionamento do tipo pré-consciente ou consciente na medida em que o sujeito retoma o seu discurso para explicar a si mesmo o que diz, para formulá-lo mais adequadamente, para aprofundar o que pensa: na medida em que, para antecipar o efeito do que diz, utiliza-se de “estratégias discursivas” tais como a “interrogação retórica, a reformulação tendenciosa e o uso manipulatório da ambiguidade”.

Há uma crítica, de certa forma, ao Governo por não cumprir uma das suas obrigações: a saúde. Se a saúde, de maneira geral deixa a desejar, “está doente”, a odontológica está “banguela”, desde que nos entendemos por gente ouvimos que o “Brasil é o país dos banguelas”; fato abordado também pela banda Titãs, em 1987, no álbum denominado: “Jesus não tem dentes no país dos banguelas”. No texto, vemos essa crítica no seguinte trecho: “*Naquele tempo, dentista era coisa de milionário (como até hoje o é), e na roça sujeito de dentição fraca ficava banguela antes de completar 20 anos*”. Como diria FOUCAULT (2004: 26) “*O novo não está no que é dito, mas no acontecimento a sua volta*”.

O narrador, magistralmente ganha a simpatia da maioria dos leitores, por força da argumentação, da persuasão, pois acaba convencendo até mesmo aqueles que ainda não tinham um posicionamento muito definido a respeito de questões como o ECA, ao homossexualismo, ao ensino, conforme ABREU (2002): “algumas vezes, uma pessoa já está persuadida a fazer alguma coisa e precisa apenas ser convencida e, em outros casos, a pessoa já está convencida e precisa apenas ser persuadida”. “Quando se convence alguém, esse alguém passa a pensar como nós” e “quando persuadimos alguém, esse alguém realiza algo que desejamos que ele realize”.

A crônica do Zé Bacuri é altamente valorativa, pois “todo tipo de linguagem está sempre carregada de valores e opiniões e não há discurso imparcial”.

O narrador valoriza o trabalho, a honestidade, a educação rigorosa que teve do pai; valoriza as oportunidades, a superação de obstáculos, a moral e ao que considera bons costumes; ao ensino tradicional. E esses valores são atribuídos, na sua grande maioria pelos adjetivos valorativos axiológicos. E aqui, convém recorrer a MAINGUENEAU (2001, p. 135):

Os avaliativos axiológicos também implicam uma dupla norma, ligada ao objeto suporte da propriedade e ao enunciador. O “bom”, o “belo”, etc. variam, com efeito, ao mesmo tempo em função do objeto a que se aplicam e do sistema de avaliação do enunciador. Se eles são em geral percebidos como claramente mais subjetivos que os não-axiológicos, é porque a norma da pequenez de um livro ou o calor atmosférico são o objeto de um consenso mais amplo que a do belo, por exemplo, em que o caráter valorativo se destaca de imediato. Não se deve, porém esquecer que os julgamentos de valor “mais pessoais” se apóiam em códigos culturais e que, segundo os contextos, o mesmo adjetivo parecerá mais ou menos subjetivo.

Em contrapartida, na crônica também estão implícitos as desvalorizações ao que diz REALE (1996: 189):

O valor é sempre bipolar. A bipolaridade possível no mundo dos objetos ideais, só é essencial nos valores... porque a um valor se contrapõe um desvalor; ao bom se contrapõe o mau; ao belo, o feio; ao nobre, o vil; e o sentido de um exige o do outro. Valores positivos e negativos se conflitam e se implicam em processo dialético.

O autor do texto, Faquini, desvaloriza ao que se contrapõe aos seus valores culturais, sociais e existenciais como: a preguiça, a desonestidade, a educação moderna, a imoralidade; às leis que deram muita liberdade às crianças e adolescentes e tirando a autoridade dos pais; às pessoas que “fazem corpo mole” diante das adversidades da vida.

A fala de Elcias Ferreira da Costa, em seu artigo: *Os valores – da existência à cognoscibilidade*, para a Revista Symposium, vem corroborar com essa questão valorativa:

Agitando a maré do existir humano e chegando mesmo a confundir-se com as próprias ondas deste, em seu elã de perfectibilização, o Valor, vindo de fora do existir individual de cada homem, porém penetrando bem profundamente a consciência e a afetividade coletivas do grupo social, atua como **motor mobilis** do agir humano, aquilo por causa do qual a vida se movimento e por cujo desaparecimento, com razão, todos se amedrontam. (COSTA, 2000, p. 67)

Valores e desvalores são inerentes ao homem, todos nós valorizamos algo e, em contrapartida, desvalorizamos outros. Enfim, é a vida, com seus encantos e desencantos, virtudes e vicissitudes, o bem e o mal.

Referências

ABREU, Antônio Suarez. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção**. 5 ed., Cotia (SP), Ateliê Editorial, 2002.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2 ed., Campinas, Editora da Unicamp, 2004.

COSTA, Elcias Ferreira da. In artigo: **Os valores – da existência à cognoscibilidade**. Revista Symposium: Ano 4, nº 2, julho-dezembro/2000, p. 67.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 10 ed., Loyola, 2004.

KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 2 ed., São Paulo, Cortez, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. **Elementos de linguística para o texto literário**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. 2 ed., Campinas/SP, Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: Estrutura ou Acontecimento**. 2 ed., São Paulo, Pontes, 1997.

_____. **Semântica e Discurso: Uma Crítica a Afirmação do Óbvio**. Campinas, Edit. Unicamp.

PLATÃO & FIORIN. **Lições de texto: leitura e redação**. 3 ed., São Paulo, Ática, 1998.

REALE, Miguel. **Filosofia do direito**. 17 ed., São Paulo: Saraiva, 1996.